

## A pesquisa qualitativa em psicologia: contradições, alternativas e desafios

**Daniel Magalhães Goulart**

Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde do Centro Universitário de Brasília. Distrito Federal, Brasil.  
ORCID 0000-0002-0254-0137. [danielgoulartbr@gmail.com](mailto:danielgoulartbr@gmail.com)

Refletir sobre pesquisa qualitativa em psicologia não se resume à discussão de um aspecto técnico pontual relativo às formas de se conduzir uma investigação. Desde seus primórdios nos campos da antropologia e da sociologia, no final do século XIX e no início do século XX, o qualitativo se remete a diferentes possibilidades de abordar dimensões do objeto pesquisado que extrapolam a quantificação enquanto recurso dominante na construção da ciência. Por isso, pensar a pesquisa qualitativa implica, simultaneamente, transitar por um tripé sustentado (1) por questões relativas a como fazê-la, (2) pelo que ela busca representar e (3) pelos princípios que sustentam essa aproximação. Em outras palavras, trata-se de assumir a unidade entre metodologia, teoria e epistemologia (González Rey & Mitjans Martínez, 2017). Uma breve reflexão sobre seu uso no campo da psicologia nos permite perceber que, historicamente, tal tripé não tem sido bem sustentado.

Autores como Koch (1999), Danzinger (1990) e Foucault (1975) dedicaram-se a discussões sobre a constituição da psicologia enquanto ciência e seus desdobramentos em diferentes campos. Algo marcante na análise dos autores é o caráter naturalista que a psicologia assumiu, so-

bretudo, na primeira metade do século XX, na busca por sua legitimação enquanto ciência moderna. Esse processo conduziu ao distanciamento radical das questões históricas, epistemológicas e culturais relativas a seu saber. A ênfase no controle, por meio do uso instrumental da quantificação, a exemplo da proliferação dos testes psicológicos, esteve associada à importação acrítica de modelos hegemônicos de outras ciências, sem se atentar para a especificidade do campo, culminando em uma orientação ateorica que passou a ser dominante em suas pesquisas (González Rey, 2002, 2005). A psicologia passou a ser hegemonicamente uma ciência empírica, que se assumiu como positivista, fundamentada, embora amiúde implicitamente, pela epistemologia moderna dominante.

Como argumenta Japiassu (1982), no seio de tal epistemologia moderna dominante, sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII, houve a substituição da antiga oposição homem/Deus pela simples contraposição sujeito/objeto. Dessa forma, em meio a elaborações metodológicas rigorosas e inflexíveis deixou de haver lugar para o ser humano, bem como para a vida. A ideologia mecanicista passou a se encarregar do minucioso empreendimento de dissociar mun-

do de ciência. A neutralidade foi considerada base fundamental da construção científica, na busca por uma representação ordenada e regular do mundo a partir de leis que descrevem e auxiliam na predição e controle dos fenômenos estudados.

Sob a pretensa neutralidade do projeto moderno de ciência, ocultou-se uma práxis científica utilitarista, altamente associada aos interesses daqueles que detinham o poder econômico. Um exemplo disso foram as pesquisas diagnósticas, que, sob o pretexto da revelação científica, terminaram produzindo cada vez mais doenças (Foucault, 1975), de modo a elevar constantemente a sensação de que mais medicamentos e recursos externos de intervenção são necessários, com destaque para aqueles que podem ser comprados. A psicologia, nessa tendência, viu-se não somente imersa, mas emergiu como protagonista do casamento entre positivismo, capitalismo e passividade (Parker, 2015).

O método, nessa ótica, foi considerado uma realidade em si, independente das especificidades singulares do objeto estudado. Tal reificação do método, em detrimento das dimensões teórica e epistemológica às quais está associado, levou, no âmbito do saber psicológico, ao que ficou conhecido como “fetichismo metodológico” (Koch, 1999) e como “metodolatria” (Danzinger, 1990). Curiosamente, como assinala González Rey e Mitjans Martínez (2017), na psicologia, houve um processo de importação das premissas das ciências exatas e biológicas, quando estas já vinham desenvolvendo alternativas teóricas e epistemológicas às limitações desse modelo dominante, tal como expresso nos autores da mecânica quântica ainda na primeira metade do século XX, como W. Heisenberg e M. Planck.

Aliás, como também analisam González Rey e Mitjans Martínez (2017), mesmo no boom da pesquisa qualitativa na psicologia, notadamente nas décadas de 1980 e 1990, os pesquisadores novamente incorreram na importação relativamente acrítica de referenciais das ciências sociais, tais como R. Bogdan e S. Biklen, bem como B. Glasser e A. Strauss, ao invés de se inspirarem em importantes antecedentes da pesquisa qualitativa do próprio campo da psicologia, como K. Lewin, L. Vygotsky, S. Freud e G. Allport. Nesse processo, os autores criticam a busca na fenomenologia por critérios de legitimação,

sem alcançar, no entanto, domínio filosófico de suas propostas. Ocorreu, a partir de então, uma nova orientação à pesquisa qualitativa na psicologia, que implicou uma mudança essencialmente metodológica, mas que, novamente, prescindiu de discussões epistemológicas e teóricas que a fornecessem sustentação e consistência. O resultado desse processo, ainda segundo os autores, foi um híbrido qualitativamente instrumental e epistemologicamente positivista, expresso numa orientação marcadamente indutivo-descritiva para a construção do conhecimento.

Nesse processo, embora no âmbito das chamadas pesquisas qualitativas, o foco permaneceu centrado nas dimensões técnicas e instrumentais, sem reflexões suficientes sobre o que significa construir uma aproximação qualitativa de forma coerente à singularidade ontológica dos objetos de estudo pretendidos. Um exemplo disso é a proliferação das “pesquisas quali/quantitativas”, que são frequentemente problemáticas (Turato, 2005), porque reduzem a complexidade de tal aproximação a uma soma técnica de estratégias de pesquisas, de modo a desconhecer as profundas diferenças epistemológicas que sustentam as exigências das questões de pesquisa propostas.

Ainda, outra expressão problemática das limitações da pesquisa qualitativa em psicologia é a separação entre “pesquisa de campo” e “análise de dados”, como se o pesquisador fosse um coletor de informações no campo, e não um indivíduo em relação e imerso em complexos processos subjetivos e culturais. Tal separação representa a famigerada dissociação entre teoria e método, como processos que mantêm uma relação artificial de externalidade entre si. Desse modo, por um lado, o empírico é concebido enquanto externo ao próprio pesquisador e a priori em relação ao saber produzido. Por outro, a teoria, que supostamente deve ser “aplicada” ao material empírico, é identificada enquanto reflexo de um processo de significação linear.

Nesse processo, como argumenta González Rey (2014), a teoria é concebida mediante conceitos isolados e descritivos, prescindindo da própria construção teórica, de modo a perder de vista o ponto forte de uma representação metodológica alternativa: o reconhecimento do status das ideias. Enquanto

coletor de informações, sistematizador de dados e aplicador de conceitos apriorísticos, o pesquisador qualitativo continua avesso e temente ao processo que fundamenta seu ofício: pensar.

Assim, como discutido em outro trabalho (Patiño & Goulart, 2016), a partir das contribuições de diversos autores no campo, como F. González Rey, K. Danzinger e S. Koch, a pesquisa qualitativa em psicologia também se viu atravessada por problemas clássicos da ciência moderna, dentre eles, o apriorismo teórico, a hegemonia do empírico, a neutralidade do investigado e a ênfase em descrições supostamente ateóricas. Nessa perspectiva, os crivos de legitimidade da epistemologia moderna dominante, quais sejam, objetividade, precisão e validade, terminam sendo fantasmas das propostas qualitativas, que, ao não lidarem frontalmente com os problemas epistemológicos que carregam, continuam sustentadas por aquilo que criticam.

Desde a década de 1990, alternativas no campo da pesquisa qualitativa em psicologia vêm sendo desenvolvidas, como expresso nos trabalhos de González Rey (1997, 2002, 2005; González Rey & Mitjans Martínez, 2017), voltados para a construção da epistemologia qualitativa e da metodologia construtivo-interpretativa, a partir de estudos sobre o tema da subjetividade humana. Em sua obra, o autor reivindica a necessidade de realizar uma revitalização epistemológica no campo da pesquisa qualitativa para avançar na superação de suas históricas e temerárias vicissitudes. Nesse processo, González Rey articula importantes rupturas epistemológicas que ocorreram no século XX, dentre elas, o giro linguístico e o giro complexo, para propor uma via de desenvolvimento científico no campo da psicologia que enaltece o pesquisador como sujeito do processo investigativo, que cria, imagina e produz alternativas de inteligibilidade sobre a realidade que busca estudar (Patiño & Goulart, 2016).

A partir dessa perspectiva, a ciência se volta para a produção de modelos teóricos capazes de gerar inteligibilidade sobre dimensões da realidade que não são evidentes a partir da observação direta e de construções de significados lineares. A teoria, longe de representar um conjunto hermético de significados a priori para ser aplicado, é entendida enquanto sistema aberto de conceitos articulados,

que ganham vida na construção interpretativa do pesquisador sobre o que se está estudando. Assim, as teorias não são válidas por serem verdadeiras ou fidedignas, mas por constituírem-se como sistemas de inteligibilidade, que auxiliam processos de significação dos fenômenos, colocando-nos em outros patamares de compreensão e relação com ele.

O método, por sua vez, abandona sua abstração e sua padronização universal, para se tornar dimensão viva, que expressa a capacidade do pesquisador organizar suas próprias questões, reflexões e ações no mundo. Assim, ele responde aos desafios teóricos e epistemológico em determinado campo, constituindo-se em dimensão dialógica, que tem em seu cerne a atividade pensante do sujeito. Por certo, não se trata da única alternativa possível aos problemas aqui brevemente apontados, mas González Rey abre novas possibilidades metodológicas e epistemológicas para legitimar uma forma de fazer ciência que transcende tanto a “evidência empírica” como a indução, de modo a defender o caráter teórico da produção de conhecimento científico.

Os desafios que a pesquisa qualitativa enfrenta atualmente no âmbito da psicologia estão profundamente afinados aos desafios da psicologia enquanto campo de saber: o avanço em uma permite o avanço da outra. Assumir a responsabilidade de avançar nesses desafios implica trabalhar na construção consistente de possibilidades de sustentar o tripé metodologia, teoria e epistemologia, bem como considerar a indissociabilidade entre ciência, política e ética.

## Referências

- Danzinger, K. (1990). *Constructing the subject: historical origins of psychological research*. New York: Cambridge University Press.
- González Rey, F. L. (1997). *Epistemología cualitativa y subjetividad*. São Paulo: Educ.
- González Rey, F. L. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

- González Rey, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González Rey, F. (2014). Ideias e modelos teóricos na pesquisa construtivo-interpretativa. In A. Mitjans Martínez, M. Neubern, & Mori, V. D. (Orgs), *Subjetividade contemporânea: discussões epistemológicas e metodológicas* (pp. 13-34). Campinas: Alínea.
- González Rey, F., & Martínez, A. M. (2017). *Subjetividade: teoria, epistemologia e método*. Campinas: Alínea.
- Japiassu, H. (1982). *Nascimento e morte das ciências humanas* (2a ed.). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Koch, S. (1999). *Psychology in human contexts: essays in dissidence and reconstruction*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Parker, I. (2015). *Critical discursive psychology*. New York: Pelgrave Macmillan
- Patiño, J. F. T., & Goulart, D. M. (2016). Qualitative epistemology: a scientific platform for the study of subjectivity from a cultural-historical approach. *The International Research in Early Childhood Education Journal*, 7(1), 161-181. Recuperado de <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1138782.pdf>
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39(3), 507-514. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf>. doi: [10.1590/S0034-89102005000300025](https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025)